

## A Moenda



(2º ciclo em diante)

Em um certo fim de ano, ao se encerrarem os cursos, fui o primeiro colocado em minha turma. Isso me fez muito vaidoso e passei a ver os meus companheiros pelo prisma de minha "superioridade".

Costumávamos passar as férias na praia, porém, para surpresa minha e de meus irmãos, papai resolveu alterar o programa e aceitar o convite de um amigo, proprietário de um engenho de açúcar. E foi assim que rumamos para uma bela fazenda, em meio a um mar de canaviais. Naturalmente haveria pescarias, cavalos a nossa disposição e outros entretenimentos.

A idéia não me desagradou.

Os primeiros dias foram animados, porém logo me enfadei devido a ausência de companheiros para nossos programas.

Os meninos da fazenda, também em férias, tomavam grande parte de seu tempo trabalhando no engenho.

Uma manhã em que eu vagava indolente e meio enfasiado pelo jardim, meu pai se aproximou de mim e sugeriu:

- Você já visitou bagaceira? É um lugar muito interessante. Além disso é ali que a maior parte dos meninos da fazenda consegue serviço. E é um trabalho muito curioso. Você gosta de formas de aprendizado, por que não faz uma experiência?

Gostei da idéia. Na bagaceira, naturalmente depois de verificar o que se fazia, optei por auxiliar o menino Bento, visto que, saltando aos olhos, a sua tarefa era a que parecia mais fácil, não exigindo prática nem coragem.

Bento, muito tímido e quase analfabeto, foi imediatamente julgado pela medida de minha "superioridade".

Eu tinha que encher com bagaço de cana ou couro cru, inteiro, que era, então, arrastado para a bagaceira por um cavalo guiado por meu companheiro.

Em breve o suor me corria em bicas e o trabalho se atrasava.

Então o homem da moenda começou a reclamar e foi a um canto conversar com Bento. Este se aproximou de mim cabisbaixo e timidamente me disse, gaguejando de atrapalho:

- Você desculpe, mas o seu Dito acha que é melhor eu continuar sozinho. O serviço é simples, mas você não tem jeito para isso...

"Jeito para isso", pensei aborrecido. E voltei muito desconfortado para a fazenda. Meu pai veio alegremente ao meu encontro e perguntou:

- O que foi que você fez?

- Nada! respondi

E estava sendo honesto, pois tinha na consciência que, realmente, não havia feito nada.

- Bem, disse meu pai, não se aborreça. Quem sabe pensando bem, você terá tirado algum bom partido da experiência.

E saiu passeando pela aléia sem outros comentários.

Mas, de fato, houvera um proveito.

Compreendi bem e guardei a lição, da qual nunca me esqueci ao longo do trajeto da vida.

A partir daquele dia, fiquei sabendo que, de fato, há diferenças entre os homens.

Mas, absolutamente, isto não significa superioridade para nenhum.

Em uma ou outra aptidão ou capacidade, desde que se disponha a alcançar o melhor, cada homem pode, sempre ser superior.

(Rodrigues, Wallace Leal V.. in: E, para o Resto da Vida....)